

44º ENCONTRO ANUAL
ANPOCS
01 A 11/12/2020



44º Encontro Anual da ANPOCS

GT09 - Comportamento político, opinião pública e cultura política

HÁ NOVOS PERSONAGENS OU UMA NOVA CENA? A PARTICIPAÇÃO SOCIAL DE FILIADOS AO PARTIDO DOS TRABALHADORES

Éder Rodrigo Gimenes (Universidade Estadual de Maringá)

Filipe Vicentini Faeti (Universidade Federal de São Carlos)

Resumo

As bases sociais de fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) brasileiro marcam sua diferenciação com relação às demais legendas surgidas não apenas no contexto de luta pela redemocratização, mas também ao longo das últimas três décadas. Para além da relevância de movimentos sociais, de grupos vinculados à Igreja Católica e do sindicalismo, ao longo dos anos o PT estruturou-se apoiado também pelos movimentos de trabalhadores em favor da reforma agrária, por exemplo. Nesse sentido, ficou conhecido como partido das massas brasileiro, balizador da definição das demais legendas no espectro ideológico. Contudo, a eleição de Lula em 2002 inaugurou um período de governo (e não mais de oposição), que fez emergir novos desenhos às relações entre o partido e os filiados, bem como entre as políticas públicas aprovadas e as demandas de grupos historicamente atrelados ao PT. Assim, este *paper* objetiva comparar os vínculos sociais de filiados ao partido antes e após sua ascensão à presidência.

Palavras-chave: Comportamento político; Partidos políticos; Partido dos Trabalhadores; Brasil.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho aborda o relacionamento entre os eleitores e as organizações partidárias, temática amplamente discutida na Ciência Política internacional nas últimas décadas tanto pela indiferença, descrédito e declínio manifesto pelo eleitorado quanto a ascensão de partidos antissistema de extrema-direita. Resumidamente, neste artigo, identificamos até que ponto os filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT), o partido mais relevante do sistema partidário brasileiro, participam das atividades internas e externas ao

partido.

O interesse neste objeto de pesquisa vem da interlocução entre as agendas do comportamento político e organização partidária e diz respeito ao declínio das instituições representativas nas democracias consolidadas. Diante deste cenário, os estudiosos do comportamento político destacam o aumento do engajamento contestatório e a queda do ativismo tradicional, principalmente, relacionado ao ambiente partidário (DELLA PORTA, 2003; NORRIS, 2007; DALTON, 2013). No que se refere às atividades convencionais, a literatura sobre filiados relata a dificuldade em manter os velhos e recrutar novos membros (WHITELEY, SEYD, 1992; 2002), e a ausência de novas filiações como prejudicial ao desempenho de atividades da base e para o funcionamento da organização partidária (SCARROW, 2015; VAN HAUTE; GAUJA, 2015).

A literatura a respeito da *party on the ground* é pouco tratada na América Latina, de modo que para Levitsky (2001) a ausência de trabalhos sobre esta dimensão da organização partidária se dá pela falta de material empírico. Tal constatação segue válida, em recentes levantamentos bibliográficos sobre o estado da arte do partidarismo na região, Lupo (2016) e Gimenes (2017) reafirmam o vácuo de estudos, bem como a complexidade em aplicar conceitos como apartidarismo, desalinhamento partidário e intensidade de participação, na medida em que sequer houve período/contexto de estabilidade política partidária para o conjunto de países da região (RIBEIRO; BORBA, 2011, 2015; RIBEIRO; AMARAL, 2019).

Inserido nesse contexto, o Brasil vivencia o maior período de regime democrático de competição multipartidária de sua história. Atualmente, com 32 partidos registrados oficialmente e elevado número efetivo de partidos políticos (NEPP), o país tem o sistema partidário mais fragmentado do mundo (GALLAGHER, 2020). A respeito do enraizamento social dessas legendas, apesar de grande quantidade de estudos, em sua maioria, abordam as questões da identificação partidária e partidarismo, e pouco se sabe a respeito dos filiados brasileiros e como se dá a participação política desses membros nas atividades do partido.

Diante do cenário de baixa produção, o trabalho de Paludo (2017) se destaca como o primeiro estudo acerca da intensidade de participação de filiados brasileiros, com foco específico no PT, bem como a utilizar o primeiro banco de dados de amostra representativa nacional da base de filiados de um partido no Brasil. A principal contribuição da referida pesquisa foi no sentido de que a soma entre as variáveis “tempo de filiação” e “idade” em conjunto com os recursos cívicos explicariam a participação de alta intensidade dos petistas. Neste artigo, empregamos esse banco de dados como fonte para nossas análises.

Apesar da riqueza da quantidade de resultados encontrados na pesquisa de Paludo

(2017), algumas questões a respeito da atuação dos filiados não foram devidamente enfrentadas pelo autor. Nesse sentido, a análise do banco de dados em conjunto com a literatura apresentada no decorrer deste trabalho auxilia para o entendimento da dinâmica de participação interna e externa dos filiados petistas por meio da perspectiva de repertórios de atuação política (BARNES; KAASE, 1979) baseado na distinção entre “velhos” e “novos” filiados petistas ofertada pelo autor (PALUDO; 2017; PALUDO; BORBA; GIMENES, 2018).

Em publicação posterior, Paludo, Borba e Gimenes (2018) identificam que o que condiciona a intensidade de atuação e a agenda militante dos filiados petistas seria o recorte geracional entre “velhos” e “novos” filiados. Contudo, não foram abordadas as distintas modalidades de participação mobilizadas pelos filiados, de modo que nesse artigo nos debruçamos em analisar a recorrência na atuação entre as atividades sociais e partidárias com o objetivo de encontrar diferença no engajamento entre os velhos e novos petistas, sem ater-nos às horas dedicadas ao partido ou a distribuição no eixo de baixa e alta intensidade (AMARAL, 2014; PALUDO, 2017; RIBEIRO; AMARAL, 2019).

Embora o PT seja o partido político mais estudado pelos politólogos nacionais, pouco se produziu sobre os filiados petistas (assim como as demais legendas), de forma que este trabalho objetiva contribuir ao preenchimento de lacunas deste campo de pesquisa. Diante deste cenário, são questões que auxiliam nossa análise neste artigo: Quais atividades externas e sociais os filiados petistas desempenham? Como os velhos e novos petistas se distribuem na atuação entre essas atividades? Quantas atividades os filiados petistas desempenham? Os filiados petistas empregam repertórios de participação política?

Com intuito de responder as questões levantadas anteriormente, o trabalho está organizado em cinco sessões. A primeira, introdutória. Já na segunda, retratamos o quadro teórico a respeito do declínio do ativismo tradicional entre as democracias tradicionais e naquelas em processo de consolidação, como é o caso brasileiro, em que enquadramos a discussão do estado da arte sobre os filiados partidários no Brasil. Na terceira seção, apresentamos as noções metodológicas e a operacionalização das variáveis do banco de dados, ao passo que na quarta seção descrevemos a parte empírica do trabalho, com a apresentação dos dados, os testes e as respostas as perguntas colocadas no parágrafo anterior. Por fim, finalizamos o trabalho com sugestões para ampliação da agenda de pesquisa sobre filiados.

2 O ATIVISMO TRADICIONAL: DAS DEMOCRACIAS CONSOLIDADAS AO BRASIL

O campo do comportamento político argumenta o desinteresse dos cidadãos em assumirem compromissos duradouros, na medida em que as alterações nas preferências individuais levam os ativistas a buscarem a participação em outras modalidades menos

custosas e hierarquizadas, como os partidos políticos. A escolha pela atuação entre as atividades não tradicionais é abordada por estudiosos da teoria da modernização (INGLEHART; WELZEL, 2009) teoria da cidadania crítica (NORRIS, 2009) e pós-materialista (INGLEHART, 2012).

Essas transformações não se restringiram aos valores e afetaram o comportamento dos eleitores, de modo que vários estudiosos indicam o declínio na participação tradicional (WHITELEY; SEYD, 2002; SCARROW, 2014; VAN HAUTE; GAUJA, 2015) e acréscimo da não tradicional (NORRIS, 2007; RIBEIRO; BORBA, 2015; GIMENES, 2017).

Há estudiosos do comportamento político que também indicaram a possibilidade de combinação entremodalidades de participação por meio de repertórios, isto é, a depender dos recursos finitos, da conjuntura contextual e o tipo de reivindicação, os militantes podem desempenhar uma ou combinar maisatividades. A respeito desta perspectiva, destacamos *Political Action* (BARNES; KAASE, 1979) o primeiro trabalho a incluir as modalidades contestatórias em uma tipologia da participação. Pesquisas posteriores identificaram a mobilização de repertórios de atuação entre as democracias tradicionais (DELLA PORTA, 2003; MCADAM et al, 2009) na América Latina (BORBA; RIBEIRO, 2011) e no contexto brasileiro (BORBA; GIMENES; RIBEIRO, 2015).

Com relação ao desengajamento partidário, Gimenes (2017) demonstra um quadro teórico em que argumenta que os estudiosos destacam fatores individuais e estruturais, amparado na ideia de que a literatura sobre o tema destaca as mudanças nas preferenciais individuais e o desinteresse em assumir compromissos de longa duração como fatores do afastamento entre os partidos e o eleitorado. Já com relação a literatura organizacional, o distanciamento seria resultado da dependência estatal necessário para sobrevivência da organização partidária, em que uma crítica a teoria democrática consistena ênfase dada a criseda face representativa, e simultaneamente, a generalização e a desconsideraçãodas demais faces partidárias: pública e administrativa (DALTON; MCALLISTER; WATENBERG, 2002; MAIR, 2003).

Pouco foi produzido sobre a *party on the ground*, principalmente com relação a *membership*. Tal lacuna deriva da escassez de dados a respeito dos filiados, da falta de questões em pesquisas *surveys* direcionadas ao referido grupo e as inconsistências dos registros partidários (SPECK, 2013; SPECK; COSTA; BRAGA, 2015). Fato é que, conforme argumentam Whiteley e Seyd (2002), a quedano ativismo tradicional atinge a *party on the ground*, pois a ausência de novas filiações incidemna organização do partido, uma vez que, em grande medida, os filiados realizam as atividades mantenedoras do dia-a-dia partidário (SCARROW, 2014; VAN HAUTE; GAUJA, 2015; RIBEIRO; AMARAL, 2019).

O lançamento de *High-Intensity Participation: The Dynamics of Party Activism in*

Britain foi um divisor de águas para a agenda de pesquisa sobre filiados a partidos, especialmente na Europa, em razão dos estudiosos replicarem e dialogarem seus principais resultados em distintos países (WHITELEY, 2011; SCARROW, 2015; GAUJA, VAN HAUTE, 2015; WITHELEY et al, 2019). Com relação a esses avanços, em revisão bibliográfica encontrada em Faeti (2020), levando-se em consideração a pluralidade teórica, metodológica e empírica dos trabalhos que abordam o comportamento dos filiados, foram ordenadas três questões que atravessam essa agenda: Quem são os filiados? Qual é a sua importância para organização partidária? Por que os eleitores buscam a filiação?

Os estudos que respondem a primeira questão comparam o perfil atitudinal e sociodemográfico dos eleitores e filiados nacionais, e geralmente destacam a ausência de representatividade do primeiro em comparação ao segundo (SEYD; WHITELEY, 1992; WHITELEY; SEYD, 2002). Já as pesquisas que abordam à segunda pergunta realçam a importância dos filiados como recursos humanos para campanhas eleitorais e legitimidade do partido, com destaque a abordagem *multi-speed levels*, o principal avanço desta agenda (SCARROW, 2015; VAN HAUTE; GAUJA, 2015). Por fim, os trabalhos que se debruçam sobre o terceiro aspecto analisam os incentivos e benefícios envolvidos na filiação. Essa literatura considera a oferta de indivíduos a partidos e a demanda de partido por indivíduos (VAN HAUTE et al, 2017; SCARROW, 2018).

Nas democracias em processo de consolidação, como grande parte dos países latino-americanos, a agenda a respeito dos filiados partidários ainda é pouco discutida pelos politólogos. De acordo com Gimenes (2017), o problema é de natureza empírica, pois são escassos *surveys* com questões direcionadas a filiados, além disso, os registros partidários se constituem materiais inconsistentes devido falta de organização dos dados e ausência de atualização de filiações e desfiliações (SPECK, 2013; SPECK; COSTA; BRAGA, 2015). Diante deste cenário, a base partidária é considerada a caixa-preta dos estudos partidários da região (LEVITSKY, 2001; SPECK, 2013; PALUDO, 2017; RIBEIRO; AMARAL, 2019).

No cenário específico do caso brasileiro, na última década assistiu-se a expansão da agenda que aborda especialmente o enraizamento social das legendas, ainda que, em sua maioria, esses trabalhos tratam da temática pela identificação partidária e partidarismo, enquanto são escassos estudos sobre filiados. Frente a isto, Gimenes et al (2019) e Faeti (2020) elaboram um panorama da baixa produção de tal campo no Brasil.

Levando em consideração o complexo arranjo institucional do sistema político brasileiro, os sistemas eleitoral e partidário, o pessimismo a respeito da ingovernabilidade devido a combinação entre presidencialismo, federalismo e bicameralismo não se confirmou. Contudo, é necessário ponderar que apresentamos uma cultura política personalista, baixa escolarização e renda dos eleitores, o que dificultaria o enraizamento

social dos partidos, argumento que é reforçado empiricamente pela vitória de Jair Bolsonaro no último pleito presidencial, atualmente sem partido e considerado um *outsider*.

A exceção no contexto partidário brasileiro seria o Partido dos Trabalhadores (PT), estruturado por movimentos da sociedade civil envolvidos na redemocratização e diretas já. Durante a sua trajetória, o PT acumulou as taxas de identificação partidária, partidarismo e filiação, que auxiliou diretamente na vitória na eleição presidencial de 2002. Além disso, o partido venceu três pleitos presidenciais, nacionalizou-se, envolveu-se em esquemas de corrupção e concentra as taxas de antipartidarismo no país. Assim, permanece válida a colocação de Singer (2000) de que o partido é a espinha dorsal do sistema partidário brasileiro, pois os demais atores se posicionam de acordo ou rejeitando as posições do partido, e o antipetismo estrutura mais o voto do que a identificação partidária das demais legendas.

Neste trabalho, em particular nos interessam os achados de Paludo (2017) e Paludo, Borba e Gimenes (2018). As contribuições dos trabalhos giraram em torno dos resultados do primeiro banco de dados de amostra representativa nacional de filiados no Brasil, o que assegurou os autores identificar os condicionantes da participação de alta-intensidade dos petistas, sendo a principal, que as transformações internas do petismo durante a guinada da sociedade ao Estado influenciaram na trajetória do militante petista.

Neste artigo, conforme destacou-se, nosso objetivo é compreender como que os filiados que ingressaram no PT em distintos períodos da trajetória histórica da legenda participam politicamente, no interior do partido e na sociedade. Desta forma, a seguir apresentamos a categorização metodológica dos perfis dos velhos e novos filiados, as codificações de variáveis e os testes envolvidos para análise dos dados e respostas as questões levantadas na introdução deste trabalho.

3 OPERACIONALIZAÇÃO DOS DADOS

Na presente seção apresentamos brevemente a base de dados utilizada no artigo. O banco resultou da tese em Sociologia Política de Paludo (2017), coletado no período entre o Processo Eleitoral Direto (PED) de 2013 e março de 2014 em conjunto a uma amostra representativa dos filiados petistas em termos de sexo, faixa etária e região, o que totalizou 625 casos. Trata-se dos mesmos dados analisados por Paludo, Borba e Gimenes (2018).

Com relação aos procedimentos de análise, nossa variável dependente é o perfil dos filiados petistas, divididos entre novos e velhos em diálogo as pesquisas apresentadas no parágrafo anterior. A classificação definiu como “velhos filiados” aqueles que se filiaram ao partido desde sua fundação até o ano de 2002, que marca um recorte temporal da vitória na eleição presidencial do partido (RIBEIRO, 2010; AMARAL, 2010; SINGER, 2012) ao passo em que os filiados a partir de 2003 foram denominados como “novos petistas”. Nesse

sentido, ambos os trabalhos identificaram distintos padrões de militância entre os velhos (os filiados entre 1980 e 2002) e os novos (os filiados entre 2003 e 2014) por meio de análises empíricas com relação à intensidade de engajamento entre os distintos grupos.

Operacionalizamos o recorte temporal e o banco de dados de amostra representativa nacional encontrado em Paludo (2017), contudo, em vista da diferença entre hipóteses, referencial teórico e objetivo, buscamos analisar questões não tratadas pelos autores sobre a participação interna e social dos filiados petistas. Assim, a análise dos dados à luz do quadro teórico apresentado neste artigo ajudará a identificar quais modalidades sociais e internas os petistas desempenham, como atuam os velhos e novos membros nessas atividades, o quanto atuam os petistas, e se empregam repertórios de atuação política durante o engajamento.

Na próxima seção apresentaremos tabelas que sistematizam as análises descritivas, bivariadas (kendall's Tau b) e multivariadas. Sobre o último conjunto de testes, análises de redutibilidade e fatoriais permitiram a criação de índices que agregam os conjuntos de modalidades de participação intrapartidária e social, ao passo que modelos de regressão buscaram identificar o perfil de quem participa com duas variáveis explicativas - o tempo/perfil de filiação e o índice de participação - e algumas variáveis de controle, porém com potencial capacidade explicativa (escolaridade, faixa etária, renda familiar e sexo).

Com relação às variáveis explicativas, para o tempo de filiação esperamos que os velhos petistas atuem mais nas modalidades de organização do partido em comparação aos novos petistas, por se tratar de um importante recurso para ocupação de cargos estratégicos. Assim, é preciso apontar a diferença entre a trajetória do velho e novo petista: enquanto o primeiro perfil filiou-se no contexto de redemocratização e conciliou uma agenda multimilitante, o novo formalizou laços com o partido na presidência com uma trajetória mais restrita a institucionalidade (RIBEIRO, 2010; AMARAL, 2014; PALUDO, 2017; RIBEIRO; AMARAL, 2019). Incluiu-se a variável no modelo tendo como o grupo de referência os "Velhos Filiados" (0) que formalizaram os vínculos partidários entre (1980 e 2002) enquanto os "Novos Filiados" (1) buscaram os vínculos partidários entre (2003 e 2014)¹.

A segunda variável explicativa para cada modelo é o outro índice de participação - partidária ou social - anteriormente mencionado. Em diálogo com a literatura sobre repertórios de participação, a expectativa é de que os filiados mobilizem em distintas

¹Um possível limite deste trabalho, apontado pela literatura sobre ciclos de vida e considerados pelos autores, diz respeito a colinearidade entre as variáveis "tempo de filiação" e "idade", pois, os velhos filiados podem participar mais pelo ciclo de vida (acumular recursos), o que seria uma hipótese rival a ser testada. Nesse sentido, Paludo (2017) destacou a baixa colinearidade entre as variáveis, especialmente pelos indivíduos com mais idade que se filiaram ao PT após 2002 e Faeti (2020) apresentou modelos rivais. Ainda assim, em nossa agenda de estudos consta a necessidade de avançar em tais testes.

medidas as modalidades de engajamento apontadas.

Com relação às variáveis de controles incluídas nos modelos lineares, justifica-se sua inclusão baseado na teoria do voluntarismo cívico, em vista de trabalharmos com dados individuais e amostra representativa de um grupo restrito da sociedade, os filiados, que reconhecidamente possuem elevado perfil social. Nesse sentido, argumenta-se que o acúmulo de recursos incide na participação dos petistas, sendo que esperamos que a composição da amostra não seja representativa da população, em razão da conformação do perfil médio dos filiados petistas; homens, brancos, velhos, com elevados rendimentos e escolaridade.

Assim, inserimos sexo codificado como (1) “Masculino” e (0) “Feminino” em virtude do contexto de sub-representação de mulheres na política (em geral e partidária), escolaridade como variável binária com “Até Ensino Médio Completo” (1) e “Curso Superior” (2) pela relação entre escolarização e refinamento cognitivo e político, faixas etárias de (1) “Até 29 anos”, (2) “de 30 a 59 anos” e (3) “60 anos ou mais” por conta das trajetórias de ciclos de vida dos indivíduos e renda familiar, por representar um recurso de centralidade social recodificada em (0) “Não tem renda”, (1) “Até 1 SM”, (2) “1 a 2 SM”, (3) “2 a 5 SM”, (4) “5 a 10 SM”, (5) “10 a 20 SM”, (6) “Mais 20 SM”.

4 PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE FILIADOS PETISTAS

Conforme apresentado na seção introdutória deste trabalho, temos o objetivo de responder a quatro questionamentos: Quais atividades externas e sociais os filiados petistas desempenham? Como os velhos e novos petistas se distribuem na atuação entre essas atividades? Quantas atividades os filiados petistas desempenham? Os filiados petistas empregam repertórios de participação política?

Tabela 1. Atividades partidárias mobilizadas pelos filiados petistas

Participou de campanha estadual e nacional	65,3%
Participou de campanha municipal	65,1%
Participou de reuniões	55,7%
Assinou abaixo-assinados	44,2%
Distribuiu panfletos	39,8%
Realizou contatos sociais com políticos do PT	35%
Ajudou na fiscalização das eleições	31%
Doou dinheiro para partido e campanhas	24%
Ajudou na organização do partido	23,8%
Desenvolveu outras atividades	16,3%

N = 625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2014)

A respeito das atividades partidárias mobilizadas pelos filiados petistas, a tabela 1 aponta a recorrência da atuação naquelas envolvidas no período eleitoral, uma vez que,

independentemente do nível de disputa (municipal, estadual ou nacional), há um elevado ativismo. É preciso considerar ainda que a maioria dos petistas frequentam as reuniões do partido, ao passo que as demais atividades são desempenhadas pela minoria dos filiados. A organização do partido, essencial para a persistência do PT como o principal ator do sistema partidário nacional (SINGER, 2000; 2012) foi a atividade menos desempenhada pelos filiados. Assim, pode-se inferir que o foco central dos petistas são as disputas eleitorais, em oposição a organização do partido, embora, em alguma medida, tal informação possa ser matizada em razão de as atividades de campanha mobilizarem mais filiados do que a gestão intrapartidária (RIBEIRO, 2008; AMARAL, 2010; PALUDO, 2017).

Uma possível interpretação a este resultado reporta as escolhas das lideranças partidárias durante o período Campo Majoritário (1995-2005), na medida em que a contínua profissionalização levaria o partido a prescindir dos recursos humanos da base de filiados, à exceção do contexto eleitoral, em razão dos elevados custos demandados na campanha política. Assim, o PT substituiu a participação ativa dos filiados pelo Processo de Eleição Direta (PED), ao atribuir o direito de escolha de lideranças por meio de voto a todos filiados em dia com a contribuição financeira. Tal estratégia se configura um processo entendido de forma controversa pelos estudiosos, uma vez que Ribeiro (2010) classificou como “pá-de-cal” na lógica de organização partidária baseada em encontros para escolha de lideranças, enquanto Amaral (2011) considerou democrático justamente pela inclusão de todos os filiados nos processos decisórios do partido.

Os dados da tabela 2 retratam os vínculos sociais dispostos em três categorias: os relativos às atividades das quais os militantes participavam antes de ingressar no PT e que deixaram de se envolver com o passar dos anos (anteriores e finalizados); vínculos anteriores a formalização e que continuam ativos (anteriores e atuais); e os laços sociais iniciados após a filiação no partido, que se mantém até a aplicação do questionário (posteriores e atuais).

Com relação as colunas que apresentam dados dos vínculos anteriores a filiação, os resultados reiteram Meneguello (1989) e Keck (1991) devido a prevalência de laços com os movimentos sociais, sindicatos e igrejas, historicamente envolvidos como matrizes de estruturação do partido. Além disso, ao analisarmos as colunas a respeito aos vínculos anteriores, observamos que a maioria dos laços foram mantidos até o momento de análise, na medida em que os envolvimentos anteriores e atuais concentram maiores percentuais do que os anteriores e finalizados. Exceto para o movimento estudantil, devido a condição etária ou ciclo de vida dos indivíduos (PALUDO, 2017; PALUDO; BORBA; GIMENES, 2018).

Acerca dos vínculos atuais dos filiados, observamos os percentuais apresentados nas duas últimas colunas, os que evidenciam que houve queda no percentual atual de

filiados com laços tradicionais (setores progressistas da igreja, sindicatos, associações comunitárias e movimentos estudantis) apesar do maior vínculo ainda corresponder aos movimentos sociais. Fora isso, ao compararmos os laços finalizados após a entrada no partido e aqueles firmados posteriores a filiação, é visível o aumento no ativismo em pautas pós-materiais: o ambientalismo e os direitos de minorias, referentes às mulheres e à comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros (LGBTT). Isto posto, infere-se que houve alteração no perfil associativo da base de filiados petistas, com a redução do associativismo tradicional e fortalecimento, ainda que pequeno, de grupos com pautas pós-materiais.

Tabela 2. Atividades sociais mobilizadas pelos filiados petistas

	Anteriores Finalizados	Anteriores e atuais	Posteriores e atuais
Movimentos sociais	27,2 %	33,1 %	20,6 %
Sindicato	20,3 %	24,6 %	14,7 %
Associação comunitária	15,7 %	25,6 %	8,5 %
Igreja	19,7 %	26,6 %	5,1 %
Movimento ambiental	7,0 %	23,2 %	9,0 %
Movimento LGBT	2,2 %	24,0 %	6,6 %
Movimento Estudantil	33,3 %	15,4 %	5,4 %
Movimento de Mulheres	5,1 %	23,2 %	14,1 %
Outros	8,6 %	18,7 %	13,8 %

N = 625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2014)

Para responder a segunda questão colocada na seção introdutória deste trabalho - Como os velhos e novos petistas atuam nessas atividades? - operacionalizamos a realização de testes de associação no intuito de verificar a existência de relacionamento entre o perfil (velho e novo filiados) e a manifestação de engajamento em cada atividade (ausência ou presença de atuação).²

Das nove atividades partidárias apresentadas na tabela 3, observamos a existência de relacionamento positivo e negativo entre as variáveis, o que aponta a maior tendência de engajamento dos velhos filiados nas seguintes atividades, aqui descritas em ordem decrescente de intensidade de relacionamento (Tau b): participação em campanhas em geral, fiscalização das atividades partidárias, estabelecimento de contatos sociais com políticos do partido, distribuição de panfletos, organização do partido e doação de dinheiro. No limiar de significância identifica-se a atuação em campanhas municipais. Não

²A despeito do potencial colinearidade entre as variáveis “perfil/tempo de filiação” e “faixa etária”, testes realizados por Paludo (2017) e retomados ao longo da construção desta pesquisa identificaram fraco relacionamento entre as variáveis, especialmente por conta da distribuição dos filiados ao partido após a vitória eleitoral de 2002. Por conta de tal resultado, não tratamos aspectos etários como controles nas análises descritivas.

identificamos distinção na atuação de velhos e novos petistas quanto a participação em reuniões e abaixo-assinados.

Tabela 3. Frequência de atividades partidárias desempenhadas pelos velhos e novos petistas

Atividades	Velhos filiados (%)	Novos filiados (%)	Tau b	Sig
Fiscalização do partido	16,8	13,4	-,154	,000
Organização do partido	12,7	11,4	-,106	,009
Assinar abaixo-assinado	20,1	23,3	-,041	,315
Participar de campanhas em geral	25,7	29,1	-,167	,000
Distribuir panfletos	20,1	18,8	-,124	,002
Doar dinheiro ao partido	12,0	11,2	-,086	,035
Participar de reuniões	25,7	29,1	-,065	,106
Participar de campanhas municipais	30,8	34,8	-,078	,052
Contatos sociais com políticos do PT	18,5	16,5	-,129	,001

N = 625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2014)

Resumidamente, os resultados destacam o protagonismo dos velhos filiados, que se filiaram antes do contexto pós-sucesso eleitoral de 2002 com relação as atividades partidárias. Esses achados, em alguma medida, dialogam com os resultados de Ribeiro (2010) ao apontarem o tempo de filiação como um importante recurso de poder para mobilização de filiados na estrutura partidária, em razão de a maioria dos quadros intermediários do partido serem ocupados por petistas históricos, mais ativos internamente. A participação de velhos filiados nas atividades envolvidas na organização do partido é relevante pois, como argumenta Singer (2000) tal modalidade é responsável pela manutenção do partido como espinha do sistema partidário brasileiro, o que revela que os velhos filiados não somente desempenham como coordenam as atividades da organização do partido.

Já com relação à participação social, consideramos para os testes de associação o somatório de respostas que aludem aos vínculos atuais dos petistas, independentemente do seu estabelecimento, se anterior ou posterior a filiação ao partido. Nestes cruzamentos, somente quatro dos nove testes tiveram resultados estatísticos significativos e todos foram positivos, apontando maior atuação dos novos filiados (que entraram no partido após a eleição de 2002) em sindicatos, ativismo comunitário, movimento estudantil e de mulheres.

O maior engajamento dos novos petistas no sindicalismo remete ao envolvimento deste movimento na constituição histórica do partido, embora tenha decaído desde a década de 1990, parcela significativa de filiados mantém vínculos associativos. Esse achado dialoga com recente resultado de Ribeiro e Amaral (2019), que em análise sobre recrutamento partidário identificaram a importância do sindicalismo ao petismo, visto que 24% de seus membros filiaram-se ao partido estimulados pelo sindicalismo.

Tabela 4. Frequência de atividades sociais desempenhadas pelos velhos e novos petistas

Atividades	Novos Filiados (%)	Velhos Filiados (%)	Tau b	Sig
Participação em organização e movimentos	30,7	23,2	,025	,530
Participação em sindicato	24,0	15,0	,092	,021
Participação em ação comunitária	20,9	12,8	,088	,028
Participação em igreja	18,3	13,1	,032	,431
Participação em movimento ambiental	18,0	13,8	,007	,871
Participação em movimento LGBT	18,3	11,7	,068	,089
Participação de movimento estudantil	14,6	5,6	,163	,000
Participação de movimento de mulheres	22,1	13,1	,088	,027
Participação em outros movimentos	19,5	13,2	,053	,187

N = 625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2014)

A grande atuação de novos filiados em atividades comunitárias, se dá pela influência de setores progressistas do catolicismo na estruturação do partido, principalmente relacionado as Comunidades de Base (CEBs). Já a maior participação de novos petistas no movimento estudantil, explica-se tal resultado pelo ciclo de vida e idade dos militantes (PALUDO, 2017; OKADO, 2018), enquanto o maior engajamento de novos filiados em movimento de mulheres remete a ligação histórica entre o partido e tal movimento (RIBEIRO, 2010; AYRES, 2018). No que se refere aos demais vínculos, a falta de significância implica destacar que o engajamento em organizações e movimentos sociais são recorrentes entre os petistas independente do momento, o que reafirma as bases sociais dos petistas, exceto o sindicalismo. Há que se ressaltar ainda o ativismo homogêneo dos membros em pautas pós-materiais, o que aponta o compromisso dos petistas com pautas progressistas e em defesa da democracia, especialmente baseado no impacto da articulação de distintos grupos na luta pela democratização e fundação do PT entre o fim dos anos 1970 e início dos anos 1980.

Prosseguimos para responder a terceira questão apresentada na seção introdutória do trabalho: Quantas atividades os filiados petistas desempenham? Procuramos identificar se os filiados petistas mobilizam repertórios de atuação política (BARNES; KAASE, 1979), isto é, se utilizam distintas formas de atuação partidária e social, para o qual empregamos testes de análise fatorial e redução de dados. Cabe destacar que os resultados tratam do conjunto de filiados sem distinção entre velhos e novos petistas, uma vez que Faeti (2020) encontrou resultados semelhantes para ambos os testes entre os diferentes grupos, identificando a possibilidade de tratamento dos dados de forma homogênea quanto às modalidades de participação.

O teste de análise fatorial para as atividades partidárias indica, por meio das cargas fatoriais expostas, que existe homogeneidade no desempenho das atividades entre os

petistas, ou seja, que os filiados que se envolvem nas modalidades internas tendem ao engajamento de múltiplas atividades, quando analisamos os filiados em geral.³ As cargas fatoriais carregam valores similares em todas atividades internas, exceto a atividade de ajuda a organização partidária. Considerada tal análise e o resultado do Alpha de Cronbach, reduzimos o conjunto de atividades intrapartidárias no Índice de Participação Partidária (IPP), com extensão de 10 pontos entre 0 e 9, sendo que cada ponto na escala alude ao número de atividades que os filiados informaram realizar.

Tabela 5. Índice de Participação Partidária (IPP)

Número atividades	Frequência	Freq (%)	% acumulado
0	68	10,8	10,8
1	130	20,8	31,6
2	61	9,7	41,4
3	54	8,6	50,0
4	57	9,1	59,2
5	55	8,8	68,0
6	57	9,1	77,1
7	50	8,0	85,1
8	46	7,3	92,4
9	47	7,5	100
Total	625	100	

N = 625

Média = 3,84

Moda = 1,00

Desvio = 2,88

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2014)

Os resultados acima destacam o número de filiados que não desempenham nenhuma atividade e que mobilizam somente uma atividade partidária, o que permite inferir que aproximadamente um terço dos filiados tem pouquíssima ou nenhuma atuação partidária. Em contrapartida, 68,3% atuam ao menos em duas atividades. Analisando a média de participação, temos que cada filiado petista mobiliza praticamente quatro das nove modalidades, resultado expressivo, principalmente se comparado com democracias consolidadas. Nesse contexto, o trabalho comparativo de Van Haute e Gauja (2015) encontraram menor ativismo partidário.

Cabe ainda apontar que o ativismo dos filiados petistas nas atividades partidárias contraria, embora parcialmente, o quadro da diminuição do ativismo partidário em detrimento ao engajamento em movimentos mais horizontalizados e menos custosos, principalmente no contexto de democracias consolidadas (WHITELEY; SEYD, 2002; DELLA PORTA, 2003; NORRIS, 2007; SCARROW, 2007; WHITELEY, 2011). Todavia, é preciso

³Rodamos testes de análise fatorial em separado para os três conjuntos de filiados petistas: geral/total, velhos e novos filiados, tanto para as atividades partidárias quanto sociais. Considerando que os valores foram praticamente idênticos para todos os grupos, optou-se por não replicar estes vários testes. Nesse sentido, utilizou-se a análise fatorial em conjunto com o teste Alpha para se justificar a criação de índices. Por se tratar de variáveis dicotômicas, utilizou-se correlação tetracórica, conforme indicação de Matos e Rodrigues (2019). Os alphas de Cronbach encontrados foram de ,855 e ,862, respectivamente.

ressaltar que se trata de estudo referente a um partido do contexto brasileiro.

De maneira semelhante, após realização de análises fatoriais e de redutibilidade, criamos o Índice de Participação Social (IPS), que tem extensão e forma de interpretação semelhante ao Índice de Participação Partidária.

Tabela 6. Índice de Participação Social (IPS)

Número atividades	Frequência	Freq (%)	% acumulado
0	122	19,5	19,5
1	124	19,8	39,4
2	95	15,2	54,6
3	72	11,5	66,1
4	42	6,7	72,8
5	23	3,7	76,5
6	26	4,2	80,6
7	30	4,8	85,4
8	47	7,5	93
9	44	7	100
Total	625	100	

N = 625

Média = 3,12

Moda = 1,00

Desvio = 2,91

Fonte: Survey de Paludo (2014)

Inicialmente os resultados apresentados identificam que 39,3% dos petistas não atuam em atividades sociais ou o fazem através de um único vínculo, o que significa que é maior o percentual entre aqueles pouco ou nada atuantes na participação social em comparação a partidária. Apesar de menor do que a média do índice anterior, a tabela 8 permite destacar a utilização de repertório ação política no âmbito social por parte dos filiados petistas, pois mobilizam, em média, cerca de três entre nove atividades associativas apresentadas no questionário. Diante deste contexto, os resultados confirmam, ainda que parcialmente, o aumento na atuação entre atividades sociais de participação nas democracias em processo de consolidação democracias, como a brasileira (WHITELEY; SEYD, 2002; DELLA PORTA, 2003; WHITELEY; 2011; AMARAL, 2014; RIBEIRO; BORBA, 2015; GIMENES, 2017; RIBEIRO; AMARAL, 2019). Assim, considerando a participação social dos petistas como medida, os dados sugerem uma forte ligação entre o partido e a sociedade civil.

Para respondermos a última pergunta levantada na seção introdutória do trabalho - os filiados petistas empregam repertórios de participação política? - buscamos identificar se os petistas combinam modalidades de participação social e partidária durante a mobilização da agenda militante. Para tanto, utilizamos modelos de regressões lineares, cujos resultados são expostos nas tabelas que seguem.⁴

⁴Cabe destacar que foram construídos modelos de regressão sem a variável referente à faixa etária, com vistas a identificar especialmente o efeito do tempo de filiação sem tal controle. Os resultados apontam na mesma

Tabela 7. Determinantes do IPP

Controles	Beta (Sig)
Sexo	,078 (.055)
Renda Familiar	,013 (.774)
Níveis Escolaridade	,023 (.604)
Velhos e Novos filiados	-,190 (.000)
Idade	-,113 (.010)
IPS	,136 (.001)
R ² ajustado	,051

N = 625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2014)

Destaca-se como a primeira variável preditora do modelo de regressão o tempo de filiação, cujo efeito negativo indica que novos filiados têm menor chance de se engajarem em múltiplas atividades intrapartidárias. Neste modelo, a idade obteve efeito semelhante, o que permite inferir que os mais velhos tendem à maior atuação em atividades relacionadas ao funcionamento do PT.

Os resultados descritos acima auxiliam no entendimento da lógica de atuação dos filiados petistas entre as atividades partidárias. Em primeiro lugar, o tempo de filiação influencia no número de atividades desenvolvidas pelos petistas, pois, em comparação com a tabela 3, onde constatou-se maior atuação dos velhos filiados em todas atividades intrapartidárias, na tabela 9 também se indicou o maior desempenho deste grupo nessas modalidades. Em conjunto e amparado na literatura, os dados sugerem a maior participação de velhos filiados entre as tarefas centrais do partido, exigentes de alta intensidade de participação. Assim, o tempo de filiação se constitui um valioso recurso e crivo para ocupação de cargos estratégicos na estrutura partidária, visto que em sua maioria, os delegados petistas são filiados históricos ao partido (RIBEIRO, 2010; AMARAL, 2011; PALUDO, 2017; PALUDO; BORBA; GIMENES, 2018).

Outro resultado passível de interpretação diz respeito às relações partidárias. Os velhos petistas controlam, articulam o funcionamento do partido, enquanto que, por sua vez, os novos petistas desempenham as funções secundárias, as quais auxiliam na construção de uma memória coletiva coerente com a bandeira partidária ao estimularem o contato face a face entre os membros, tornando a estrutura partidária um ambiente de intensa troca de experiências e aprendizado de militância,

direção do teste de colinearidade, uma vez que demonstram que a idade têm fraca relação com o perfil de “velho” ou “novo” filiado, demonstrando que não se trata de sobreposição de efeitos.

responsáveis pelo funcionamento do partido (WHITELEY; SEYD, 2002; RIBEIRO, 2010; AMARAL, 2011; PALUDO, 2017).

Quanto à participação social, engajar-se em movimentos sociais estimula o desenvolvimento de atividades intrapartidárias. Tal resultado indica a mobilização de repertórios de ação política por parte dos petistas, uma vez que o filiado atuante nos movimentos sociais também se engaja no partido. Tal achado, interpretado a partir da literatura apresentada nesta discussão, sugere a existência de um semelhante padrão de militância daquele encontrado em democracias consolidadas, em razão dos filiados petistas integrarem a participação em movimentos contestatórios e tradicionais durante a sua trajetória (BARNES; KAASE, 1979; PALUDO, 2017; PALUDO; BORBA; GIMENES, 2018).

Para a atuação social dos filiados a PT, o vínculo partidário apresenta efeito distinto daquele verificado no modelo anteriormente apresentado, uma vez que aqueles que formalizaram seu relacionamento com o partido a menos tempo têm maior envolvimento com movimentos sociais e outros grupos associativos. Ainda assim, e em contrapartida, persiste o maior engajamento de pessoas com mais idade, o que indica que jovens filiados com faixas etárias elevadas devem ser os mais participativos socialmente⁵.

Tabela 8. Determinantes do IPS

Controles	Beta (Sig)
Sexo	,088 (,030)
Renda Familiar	-,015 (,740)
Níveis Escolaridade	,103 (,074)
Velhos e Novos filiados	,094 (,030)
Idade	-,075 (,086)
IPP	,136 (,001)
R ² ajustado	,047

N = 625

Fonte: Survey elaborado por Paludo (2014)

Sobre tais efeitos, não surpreende a maior participação dos novos filiados em movimentos sociais. Uma possível explicação, baseada na literatura mobilizada, se dá pela trajetória de militância dos indivíduos, os velhos petistas integrariam uma agenda de multimilitantismo, concentrando a atuação entre os movimentos mais influentes no partido. Por outro lado, os novos filiados se engajariam mais nas

⁵A distinção entre os resultados referentes ao tempo de filiação e faixas etárias nos modelos expostos nas tabelas 9 e 10 reforça a informação acerca da ausência de efeito expressivo de colinearidade.

atividades partidárias, em um caminho mais restrito à institucionalidade, na medida em que formalizaram os vínculos com o petismo na condição de governo federal. Em resumo, os petistas mais antigos tendem a diminuir o engajamento e a priorizar uma agenda mais restrita tanto no ambiente partidário como no social em comparação ao novo petista (PALUDO, 2017; PALUDO; BORBA; GIMENES, 2018).

Ressalta-se a capacidade preditiva do IPP, em razão de que cada aumento na escala do engajamento partidário incrementa a atuação em movimentos sociais. Tal resultado confirma que os filiados petistas acionam repertórios de participação política, na medida em que o engajamento partidário influencia o envolvimento em movimentos sociais. Desta maneira, como indicou-se na análise da tabela 7, ao integrarem a participação tradicional e contestatória, os petistas teriam um elevado nível de engajamento político, semelhante ao encontrado entre os filiados a partidos políticos em democracias industriais (WHITELEY, 2011; SCARROW, 2015; PALUDO, 2017; RIBEIRO; AMARAL, 2020).

Por fim, com relação a variável sexo, homens tendem à maior atuação social em comparação à participação feminina, para o que o argumento é idêntico ao utilizado na explicação da codificação das variáveis: as desigualdades estruturais da sociedade, sendo uma delas a conciliação da tripla jornada (a ocupação profissional, o trabalho doméstico e o engajamento político) impõem barreiras e aumentam os custos da participação política de mulheres (AYRES, 2018; RIBEIRO; AMARAL, 2020).

Deste modo, responde-se à última pergunta levantada na introdução, acerca da mobilização de repertórios de ação política pelos filiados petistas e, como indicou-se nos modelos de regressão para a participação partidária e participação social, combinam os modos de atuação. Contudo, o contexto de filiação parece influenciar o conjunto de atividades desempenhadas socialmente e internamente ao partido, na medida em que alteram os incentivos esperados do engajamento.

As análises multivariadas a respeito da participação partidária dos membros petistas apontam o tempo de filiação, a idade e o gênero como condicionantes do engajamento no partido. Contudo, cabe destacar que, neste *paper*, utilizamos tais variáveis como controles a fim de testar as capacidades preditivas do tempo de filiação e dos repertórios de participação, a despeito da literatura apontar o sentimento de eficácia política e os incentivos coletivos (RIBEIRO; AMARAL, 2020),

por exemplo, como outros preditores. Assim, justifica-se em alguma medida a capacidade explicativa (R^2) do modelo.

Já os achados referentes a participação social dos filiados petistas revelam o engajamento partidário, o gênero, a escolaridade, o tempo de filiação e a idade como determinantes do ativismo social. Deste modo, reafirmam a centralidade social do grupo estudado e a importância do acúmulo de recursos necessários à mobilização de habilidades cívicas estimulantes do ativismo em associações, movimentos e organizações sociais.

Diante disto, a participação política dos filiados petistas seria um fenômeno multifacetado, em razão da sua lógica de atuação se alterar a depender dos incentivos esperados no engajamento. Tal achado corrobora com os resultados encontrados por Scarrow (2015) e Ribeiro e Amaral (2020) no contexto de democracias consolidadas e entre aquelas em processo de consolidação, como a brasileira, respectivamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos compreender a pertinência da divisão entre velhos e novos filiados com relação à realização de atividades, os resultados apontaram que a diferenciação não é pertinente para todas as formas de participação, mas que, quando significativa, remete a distintos grupos de destaque: velhos filiados se engajariam mais em atividades partidárias e novos filiados seriam mais atuantes no que tange à participação social. Este resultado permitiu inferir que os velhos filiados compõem o núcleo do partido, responsáveis pelo seu funcionamento ao articular, coordenar e mobilizar tais atividades, ao passo que os novos filiados formalizaram ou mesmo estabeleceram seus vínculos com o partido motivados pela condição do PT no Governo Federal. Nesse sentido, tempo de filiação e incentivos influenciam a atuação partidária e social dos velhos e novos petistas.

Ao avançarmos no sentido de compreender a existência de homogeneidade no engajamento, tanto a análise fatorial quanto o Alpha de Cronbach indicaram que aqueles que se envolvem em atividades de ambas as naturezas (partidária e social) tendem a participarem de diversas ações. Isto posto, compuseram-se os índices de participação partidária e de participação social e tornou-se possível avançar à última questão desta pesquisa.

A fim de verificar se os filiados petistas combinam modalidades de atuação partidária e social, foram construídos dois modelos de regressão linear, tendo como variáveis explicativas o tempo de filiação e, principalmente, os índices de participação acima destacados, sendo um testado como preditor do outro. Ambos os resultados, significativos

estatisticamente, apontam que os repertórios de participação influenciam de maneira expressiva o engajamento dos petistas nas duas dimensões analisadas neste *paper*, o que significa que os filiados petistas combinam modalidades de participação intrapartidárias e sociais em sua atuação política.

Tendo em vista tanto a discussão teórica quanto o conjunto de resultados apresentados, conclui-se que o panorama acerca da fragilidade dos partidos políticos frente à difusão de novas práticas de ativismo em democracias consolidadas não condiz ao encontrado especificamente com relação ao PT. O fato de os filiados petistas acionarem repertórios de participação política combinando atividades partidárias e sociais em seu engajamento revela a conciliação entre atuação tradicional, pós-materialista e até mesmo contestatória, o que significa que o engajamento no partido se renova de maneira concomitante ao fortalecimento de laços entre aqueles que permanecem atuando no interior da legenda.

Para além dos resultados discutidos neste *paper*, há potencial conteúdo para o estabelecimento de uma agenda de pesquisas, tanto por se tratar de temática ainda pouco explorada sob a perspectiva empírica e com escopo nacional no Brasil quanto por conta da hipótese rival às análises apresentadas, que seria considerar geração e/ou ciclo de vida como determinantes da participação em diálogo com o tempo de filiação.

Tendo em vista que investigações que tratam da relação entre grupos etários e o engajamento no PT permitem interpretações de natureza quantitativa e qualitativa, são caminhos possíveis tanto o refinamento de testes estatísticos quanto interlocuções com pesquisas decorrentes de entrevistas, grupos focais e análises documentais, por exemplo. Assim, para a agenda futura, considerando o ciclo de vida, o recorte geracional e o contexto em que o filiado buscou filiação, é pertinente explorar a hipótese rival (ou alternativa) que permita responder: os velhos filiados petistas participam mais entre as atividades intrapartidárias por estarem a mais tempo vinculados ao partido ou simplesmente por serem mais velhos?

REFERÊNCIAS

- AMARAL, O. M. E. **As transformações na organização do Partido dos Trabalhadores entre 1995 e 2009**. Tese [Doutorado]. UNICAMP: Campinas, SP, 2010.
- Ayres, C. S. L. D. S. S. **Quem são elas? paridade de gênero, origens e carreiras nas direções petistas**, 2018.
- BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 7. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- BARNES, S; KAASE, M. **PoliticalAction**: massparticipation in five western democracies. Beverly Hills, Sage, 1979.
- BORBA, J. Participação política: uma revisão dos modelos de classificação. **Sociedade e Estado**, v.27, n. 2, p. 263-288, 2012.
- BORBA, J. ; GIMENES, É. R; RIBEIRO, E. A. Participação e repertórios políticos: uma

- análise dos engajamentos múltiplos dos brasileiros na política. In: SCHERER- WARREN, I; LÜCHMANN, L. H. H. (Org.). **Movimentos sociais e engajamento político: trajetórias e tendências analíticas**. 1ed. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC), v. 1, p. 101-132, 2015.
- BORBA, J.; RIBEIRO, E. A. **Participação convencional e não convencional na América Latina**. In: BAQUERO, M. (Org.). *Cultura(s) políticas(s) e democracia no século XXI na América Latina*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 95-118, 2011.
- DALTON, R. J. *The apartisan American: dealignment and changing electoral politics*. Washington, DC: Sage, 2013.
- DALTON, R. J.; McALLISTER, I.; WATTENBERG, M. P. Democracia e identificação partidária nas sociedades industriais avançadas. **Revista Análise Social**, v. 38, n. 167, p. 295-320, 2003.
- DALTON, R. J.; WATTENBERG, M. P. **Parties without partisans: political change in advanced industrial democracies**. Oxford University, 2002. DELLA PORTA, D. *Introdução a Ciência Política*. Lisboa: Estampa, 2003.
- FAETI, F. V. **Como atuam os filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT): Um estudo exploratório**. Dissertação [Mestrado]. UEM: Maringá, PR, 2020.
- GALLAGHER, M. Election indices. **Political Science**, On-line, 2020. Acesso em: 12 jun. 2020.
- GIMENES, É. R; RIBEIRO, E. A.; LAZARE, D. C.M; FURRIEL, W.O. Determinantes da filiação partidária no Brasil. **Revista Latinoamericana de Opinión Pública**, v. 8, p. 209-244, 2019.
- GIMENES, Éder Rodrigo. Considerações sobre as relações entre eleitores e partidos políticos no Brasil. In: Luiz Fux; Luiz Fernando Casagrande Pereira; Walber de Moura Agra; Luiz Eduardo Peccinin. (Org.). **Tratado de Direito Eleitoral - Direito partidário**. 1ed. Belo Horizonte: Fórum, v. 2, p. 109-133, 2018.
- GIMENES, É. R. **Eleitores e partidos políticos na América Latina**. Curitiba: Appris, 2017.
- INGLEHART, R.; WELZEL, C. **Modernização, mudança cultural e democracia: a sequência do desenvolvimento humano**. São Paulo: Francis, 2009.
- KATZ, R.; MAIR, P. *Changing Models of Party Organization and Party Democracy: The Emergence of the Cartel Party*. **Party Politics**, London, v. 1, n. 1, p. 5-28, 1995.
- KECK, M. PT, **A Lógica da Diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira**. São Paulo: Ática, 1991.
- LEVITSKY, S. *Inside the black box: recent studies of Latin American party organizations*. **Studies in comparative international development**, 36(2), 92-110, 2001.
- LUPU, N. **Party brands in crisis: Partisanship, brand dilution, and the breakdown of political parties in Latin America**. Cambridge University, 2016.
- MAIR, P. Os partidos políticos e a democracia. **Revista Análise Social**, Lisboa, v. 38, n. 167, p. 277- 293, 2003.
- McADAM, D., TARROW, S., & TILLY, C. Para mapear o confronto político. **Lua nova: Revista de cultura e política**, (76), 11-48, 2009.
- MENEGUELLO, R. **PT: Inovação do sistema partidário brasileiro. Estudo da Formação e Organização do Partido dos Trabalhadores e sua participação nas eleições de 1982 em São Paulo**. Campinas. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1987.
- MILBRATH, L. **Political Participation: How and why do people get involved in politics?** Chicago: Rand McNally, 1965.
- NORRIS, P. Political activism: new challenges, new opportunities. In: BOIX, C.; STOKES, S. C. **The Oxford handbook of comparative politics**. Oxford University, p. 628-652, 2007.
- _____. **Critical citizens: global support for democratic governance**. Oxford: Oxford University, 1999.
- OKADO, L. T. A. **Valores emancipatórios e participação política em países da América Latina**. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- PALUDO, J. R. **Participação de alta intensidade e militância dos filiados de base do**

- PT no Brasil.** 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- PALUDO, J. R., BORBA, J., & GIMENES, É. R. Participação de alta intensidade entre os filiados ao Partido dos Trabalhadores no Brasil. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 27, n. 2, 2018.
- PUTNAM, R. D. (Org.). **El declive del capital social**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2003.
- RIBEIRO, P. J. F. **Dos sindicatos ao governo: a organização nacional do PT de 1980 a 2005**. São Carlos. Tese (doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, 2008.
- RIBEIRO, P. J. F.; AMARAL, O. E. Partymembersand high-intensityparticipation: evidencefrombrazil. **Revista de CiênciaPolítica**, 39(3), 2019.
- RIBEIRO, E.; BORBA, J. **Participação Política na América Latina**. Eduem, Maringá, 2015.
- SCARROW, S. Multi-SpeedPartiesandRepresentation: The EvolutionofPartyAffiliation in Germany. **Germanpolitics**, 28(2), 162-182, 2018.
- SCARROW, S. **Beyondpartymembers: Changing approaches to partisan mobilization**. New York: Oxford University Press, 2015.
- SCARROW, S. **Politicalactivismandpartymembers**. In: R. J. DALTON e H. KLINGEMMAN. *The Oxford Handbook of Political Behavior*. Oxford University, p. 636- 654, 2007.
- SEYD, P., & WHITELEY, P. **Labour'sgrass Roots: The politicsofpartymembership**. Oxford University Press, 1992.
- SINGER, A. **Os sentidos do lulismo**. Reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SINGER, A. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- SPECK, B. W. Nem ideológica, nem oportunista: a filiação partidária no contexto pré-eleitoral no Brasil. **Cadernos Adenauer**, v. 14, n. 2, p. 37-60, jun. 2013.
- VAN HAUTE, E., PAULIS, E., SIERES, V. Assessingpartymembership figures: the MAPP dataset. **Europeanpoliticalscience**, 17, 366-377, 2018.
- VAN HAUTE, E.; GAUJA, A. (Ed.). **Partymembersandactivists**. 1. ed. Routledge, 2015.
- WITHELEY, P. Istheparty over? The decline ofpartyactivismandmembershipacrosstheDemocratic World. **PartyPolitics**, v. 17, n. 21, 2011.
- WITHELEY, P. F.; SEYD, P. **High intensityparticipation: The dynamics ofpartyactivism in Britain**. Ann Arbor, MI: Universityof Michigan, 2002.
- WHITELEY, P., LARSEN, E., Goodwin, M., & Clarke, H. Partyactivism in thepopulist radical right: The case ofthe UK Independence Party. **PartyPolitics**, 2019.